

“O Jornal” tomou o pequeno-almoço com Machel

“Grupo dos cinco não tem papá”

António Duarte, enviado especial

Aeroporto de Bissalanca. Meio-dia. Sol tórrido, a pino. Samora Machel, acompanhado de Nino Vieira e de Aristides Pereira, vai regressar a Moçambique. Sai do enorme «Cadillac» preto da Presidência e avista o repórter de «O Jornal». Dirige-se para nós: «Olha ‘O Jornal’! Então já enviou a notícia da nossa reunião com a África do Sul? Você sabe bem o que é Moçambique. Esteve lá 45 dias. Os portugueses sabem bem. Por isso escolhi Portugal para dar a notícia em primeira mão. Já foi a notícia?» «As agências já deram, senhor presidente.» «Ótimo, os portugueses são mesmo assim: fantásticos.»

Na véspera do encerramento da cimeira dos chefes de Estado dos países africanos de língua oficial portuguesa, em Bissau, «O Jornal» pedira para falar com Samora Machel. O secretário do presidente faz-lhe chegar o pedido. A resposta, algumas horas depois, foi a seguinte: O presidente vai recebê-lo, mas quer falar também com os outros jornalistas portugueses. Quer tomar o pequeno-almoço com vocês.

Terça-feira, último dia da IV Cimeira. Como de costume, Samora levanta-se às seis da manhã. Faz uma hora de ginástica e toma um banho retemperador.

São 8 e 50 quando o presidente recebe os cinco jornalistas portugueses na residência que lhe fora destinada, em Bissau. Parece estar em grande forma. Uma expressão de satisfação domina-lhe o semblante.

Cumprimenta-nos e descul-

pa-se do atraso (marcara o encontro para as oito da manhã).

A jarra de cristal

Um fotógrafo moçambicano encosta-se a uma jarra com flores e esta cai, partindo um cinzeiro. Samora fica aliviado por não se ter partido a jarra. «Ainda bem — diz —, é de cristal. Só se partiu o cinzeiro. Não tem importância. Pronto, fica assim (coloca a jarra sobre o ‘Notícias’ de Maputo do dia anterior)»

«Sentem-se, amigos. O ‘Expresso’ à minha direita e ‘O Jornal’ — a concorrência — do outro lado.»

Samora faz uma pausa: um dos seus silêncios enigmáticos. Sorri. Manda servir o pequeno-almoço: «Há sumo de papaia e sumo de ananás. Sirvam-se à vontade.»

Vem, logo a seguir, galinha à cafireal — o prato preferido do presidente. «Vá, comam. Eu

não costumo comer de manhã. Bebo só um sumo.»

Nova pausa de Samora. Novo momento de silêncio. É então que rebenta a «bomba»: «Sabem que Moçambique está reunido com a África do Sul, neste momento?»

Samora Machel revela: «A reunião começou há uma hora no reino da Suazilândia. Da África do Sul participam três ministros, liderados por Peter Botha. Da nossa parte, temos dois ministros — Jacinto Velloso (dos Assuntos Económicos) e Óscar Monteiro (da Justiça) — e um governador provincial, Sérgio Vieira (do Niassa), além de militares. Ao todo, seis pessoas.»

Apanhados de surpresa, os jornalistas demoram a reagir. Samora continua: «Estas conversações são cruciais. São cruciais para encontrar um *modus vivendi* na região. Vizinho não se escolhe (ri-se). Somos incómodos, mas eles também são incómodos para nós. Não vamos mudar a Geografia. Mas, como é que vamos dizer, hum... Os meus jornalistas também estão a começar a ouvir agora. Ontem recebi um *telex* longo, longo, dos americanos... De toda a visita ao Ocidente recebi vários mensagens, trazendo mensagens da República Sul-Africana, incluindo de Portugal...»

Samora Machel mal consegue esconder a alegria. De re-

pente, começa a falar mais baixo, como se nos segredasse algo: «Eu penso que — isto entre nós — o Botha esperava encontrar apoio, na sua visita ao Ocidente. Em especial de Portugal, que tem lá 700 mil habitantes. E ele ofendeu-os: diz que não há portugueses, mas sim sul-africanos de origem portuguesa, e fala em ganhar eleições com os portugueses...»

O presidente interrompe: «Então não estão a comer? Vá lá, estejam à vontade. Eu não como. Acabo de fazer ginástica e ainda não arrefeci.» Continua:

Botha foi maltratado

«Encontrei, realmente, a imagem de Moçambique em Portugal. Não fui à RFA, mas o Botha foi maltratado na RFA. Ele não tem muitos amigos. Não se preocupem em escrever. Estamos a falar. Esperem até às oito horas de hoje: A BBC vai dar e a Voz da América. Os americanos estão lá. Vão dar o tom.»

Impecavelmente vestido, com farda de marechal, direito na cadeira, Samora agarra-me a mão. Olha-me nos olhos. Depois, dá uma palmada nas costas do jornalista do «Expresso». Nova pausa. Comento: «É um encontro histórico, senhor presidente.»

Samora, de rompante: «É decisivo. É crucial para a vida da África Austral. Eles devem estar conscientes disso e os americanos estão conscientes, também.»

Pergunto: «Pensa que terá sido fundamental a visita de Botha ao Ocidente há poucos



António Duarte, enviado especial

dias, como causa próxima deste encontro?»

Samora Machel: «Não. A minha visita ao Ocidente é que foi. Vocês rotulavam-me de agente. Não existia República Popular de Moçambique, para vocês. Existia a União Soviética em Moçambique. Tomei o pequeno-almoço com os grandes editores de Londres. Chamei-os para tomar o pequeno-almoço com eles: o ‘Daily Telegraph’, o ‘Guardian’, a BBC, o ‘Times’... e outro, não sei qual

Machel: "Não fui a Portugal pedir dinheiro"

é... Bem falámos honestamente (um homem do Protocolo interrompe Samora para lhe dizer que já está atrasado para a sessão de encerramento da cimeira, ao que o presidente responde: 'Está na hora? Ah, deixa, estou a tomar o pequeno-almoço')...)

Na reunião entre Moçambique e a África do Sul, que decorreu na Suazilândia, entre as dez horas locais e a meia-noite de terça-feira passada, as duas partes terão apalpado terreno — ao que apurou 'O Jornal' — para uma futura cimeira dos dois países. Samora Machel revela-nos que aspectos como a segurança, a cooperação económica e a paz na região estão a ser analisados pelos dois Estados para um próximo debate.

Os «bandidos armados» e a seca

Ao pequeno-almoço, o presidente fala das propostas de Moçambique à África do Sul: «Tenho 3500 homens capturados, bandidos armados, treinados e equipados pela África do Sul. Tenho toneladas e toneladas de armamento. Agora, o que é que eu faço desses bandidos armados, o que é que eu faço à África do Sul? É o ponto da grande discussão. Mato os bandidos armados? Mato? ... São moçambicanos. Mando-os para vocês? Iam ter muito trabalho... Uns estão feridos. Têm de ser tratados. E parte da

alimentação vai para eles, parte da roupa vai para os bandidos armados. E depois, uma força importante para os guardar. Em vez de fazer outras coisas úteis, em vez de produzir. Por isso, chamei a Amnistia Internacional. Têm a mania de que são mais humanistas que nós, não é? Também chamei a Cruz Vermelha Internacional, para observar os bandidos. Há bandidos armados presos. Ouçam os crimes deles. Vocês (apontando para os jornalistas do 'Expresso e de 'O Jornal') ouviram e viram. Viram de qualidade são. Em Fevereiro, eu levei muitos jornalistas, incluindo do 'Washington Post', para Gaza e havia um comício de 50 mil pessoas. Estavam lá os bandidos armados, com cobertores, com lençóis, tudo roubado à população. É enojativo. Eles agem na base da droga, de facto. Porque não é humano matar crianças e mulheres e queimar palhotas. Não é normal. Aquelas coisas não são normais.»

Lembro ao presidente como tive oportunidade de falar, em Inhambane com um preso, acusado de vários crimes, que tinha apenas 12 anos de idade... Samora mostra-se severo:

«Quer dizer, foi preso, raptado, e depois obrigaram-no a cometer crimes para ficar com eles... Nós temos uma lei, já aprovada e que entra em vigor em Janeiro — sobre os bandi-

dos armados: os raptados que praticaram crimes, os voluntários e os dirigentes — a categorização entre eles. Para os punirmos severamente.»

Samora compara a acção dos chamados «bandidos armados» ao flagelo da seca, em Moçambique. Diz: «Há mais de 50 anos que não tínhamos assim uma seca. Na minha vida não me lembro nunca de ter visto semelhante seca. Viu como está o país, seco? (pergunta ao repórter de 'O Jornal').»

Pergunto: «São os dois grandes problemas — a seca e o corte de comunicações dos bandidos armados — que entravam o desenvolvimento?»

Samora ri com ironia: «Corte de comunicações? Eu diria bandidos armados. Seca e bandidos armados são os dois flagelos de Moçambique.»

O presidente moçambicano traça, de seguida, uma panorâmica histórica das agressões da África do Sul e da então Rodésia contra Moçambique.

«Os ocidentais compreenderam-me bem»

«Desde que proclamámos a independência, vocês não acompanharam a evolução da participação da África do Sul em acções contra Moçambique. Mas os antecedentes datam de há muito tempo... O Governo português instalou a capital, Lourenço Marques, no Sul e a África do Sul tinha pre-

tensões de tomar aquela parte de Moçambique: Maputo e Gaza...»

Samora fala do ANC, o movimento sul-africano para a independência do país, contra o **apartheid**, que existe desde muito antes de Botha e Magufuli serem nascidos e de Nelson Mandela, «há mais de 20 anos na prisão, antes de nascer à Frelimo».

Rapidamente, o presidente moçambicano refere-se ao início da guerra colonial e da luta de libertação. Está eufórico. Fala da entrada da Rodésia em Moçambique, «ao lado da tropa colonial portuguesa, com o pretexto de que estava a defender Cabora Bassa».

Samora Machel fala, ainda, do apoio da ZANU à Frelimo e da posterior ajuda de Moçambique à luta do Zimbabwe, concluindo: «A Rodésia não entrou, nem a África do Sul entrou. Nem entrará. É todo este processo que o Ocidente não compreende.»

Pergunto a Samora Machel: «Pensa o senhor presidente que, após a sua deslocação ao Ocidente e a Portugal, tudo isso ficou mais claro?»

Samora diz que sim com a cabeça: «Os ocidentais compreenderam bem. Compreenderam muito bem. Começaram por Portugal. Quem me ataca, realmente, são aqueles fascis-

tas, ultra-racistas portugueses que fugiram para se juntarem ao 'apartheid'. Era isto que eu vos queria dizer (faz sinal a um empregado da residência). Dê-me um pouco de café e depois eu vou.»

Ainda em relação a Portugal, insisto: «Senhor presidente, o facto de não ter trazido de Portugal resultados concretos, em termos financeiros...» (O presidente interrompe).

«Ah, eu não ia pedir dinheiro. Não ia fazer isso. Deixava de ser presidente da República. Não sou 'business man'. Os objectivos da minha visita a Portugal foram atingidos a cem por cento: contactos empresariais, presidente da República, primeiro-ministro. O povo português compreendeu muito bem. Por Portugal não ter dado a linha de crédito não vai cair Moçambique. Não ando a mendigar. Não pedi dinheiro a nenhum país. O meu objectivo

é explicar a necessidade de cooperação com a República Popular de Moçambique. Não quero ajuda, quero cooperação — de igual para igual.»

«Esta era a primeira coisa», prossegue Samora Machel. «Aliás, foi neste sentido a minha intervenção com os empresários. Em segundo lugar, eu estava a responder à visita do Presidente da República Portuguesa. Estava a retribuir. Foi uma visita histórica a Moçambique: o quebra-gelo. Depois, veio o primeiro-ministro Balsemão. Eu tinha de retribuir. Em terceiro lugar: explicar a situação na África Austral e os objectivos da Conferência para o Desenvolvimento da África Austral. Em quarto: explicar o perigo do 'apartheid' que vocês apoiam. Vocês, ocidentais. Fizeram da África do Sul uma potência económica. Fizeram da África do Sul uma potência militar. Agora vejam: está uma bomba nuclear nas mãos de uma criança. Equipamento do mais sofisticado. Contra

quem? Quem é o inimigo da África do Sul? Quando a África do Sul desestabiliza a região, não faz senão cumprir a missão que lhe venderam. Do ponto de vista económico e do ponto de vista militar.»

Maputo-Pretória: como a RDA e a RFA

É perante este panorama que Samora Machel sorri de satisfação, ao anunciar aos jornalistas portugueses (e só portugueses, como fez questão de frisar) a reunião entre os dois países «inimigos».

«Nesta reunião, dissemos que nem um nem o outro deve atacar. Nem um nem o outro deve servir de base para desestabilização: como a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental.»

À pergunta sobre as consequências destas conversações na mobilidade do ANC em Moçambique, responde Samora, prontamente:

«Quais consequências? Nun-

ca teve bases em Moçambique.» «Mas tem escritórios», observo. «Ah, escritórios o que é? O escritório continuará.»

E as contrapartidas? Um jornalista pergunta: «Certamente que a África do Sul irá exigir contrapartidas... Quais?»

Samora Machel: «Eu sei... Já sei o que quer a África do Sul.» (Risos). «Pensa que sou palerma, ou quê?» (Risos). «E eu não quero contrapartidas?»

«Dá, toma. Toma o quê? Há coisas que não podemos aceitar. A África do Sul não vai obrigar a República Popular de Moçambique a reconhecer o 'apartheid'. Está claro. Eles sabem isso. Dissemos aos americanos. Foi explicado. Como foi explicado a vocês. Primeiro: não podemos reconhecer o 'apartheid'. É uma ofensa contra a Humanidade. Não podemos reconhecer 'bantustões'» (Elevando o tom de voz) Não nos obriguem a assassinar o ANC. É uma organização internacionalmente reconhecida que luta pelos direitos — Igual-

dade, Justiça, Democracia — na África do Sul. Querem ser sul-africanos e não grupos étnicos. Entendeu? Está claro? Eu queria que fossem vocês os portadores destas notícias para o Ocidente. Foi por isso que vos chamei aqui. Porque o português tem capacidade de (imita alguém a falar alto e para muita gente) 'uau, uau, uau'... Não por se renderem ao 'apartheid'. Às vezes, vocês têm complexos com os sul-africanos. Sabem disso?»

Nós somos especiais...

«O Jornal» interrompe: «Penso que há um problema que é a comunidade portuguesa na África do Sul. São muitos portugueses que lá vivem...»

O presidente moçambicano discorda: «Não, não, não, não! A comunidade não corre perigo. Os madeirenses foram para lá e estão a florescer a economia da África do Sul. Não basta dizer: vai-te embora! O Português é hoje a terceira língua

na África do Sul. Os portugueses sustentam a África do Sul. Não os podem mandar embora.»

Samora olha para o relógio, Fazem-lhe sinais. Está atrasadíssimo para a sessão de encerramento da cimeira de Bissau. «Desculpe — diz —, vou já.»

Uma pergunta mais. Sobre a cimeira. As propostas de Portugal, o alargamento do «Grupo dos Cinco» a «Tricontinental»...

É já a levantar-se da mesa que Samora Machel responde, gargalhando: «Bem, nós somos especiais. Somos o único grupo que não tem papá.»

Os cinco jornalistas portugueses seguem o presidente moçambicano até ao automóvel que o conduzirá ao Salão dos Congressos, em Bissau.

Antes de entrar no 'Mercedes' de matrícula P-C-R (Presidência do Conselho da Revolução), Samora despede-se, um a um, dos jornalistas portugueses. Sorri e agradece.